

---

## **Comunidade Pró-Autismo: lutas por reconhecimento em redes de solidariedade on-line<sup>1</sup>**

Francisco Gabriel Alves da Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho reflete a produção de manifestações solidárias em redes sociais da internet, com base na realidade de pessoas autistas e suas lutas por reconhecimento. À luz da teoria pensada por Axel Honneth (2009), o texto busca debater a construção de redes de solidariedade on-line, nas quais é possível observar a valorização de características individuais, o compartilhamento de experiências comuns e a reivindicação de direitos para pessoas autistas. Como objeto empírico, o trabalho aborda as manifestações solidárias vivenciadas no grupo Comunidade Pró-Autismo, que reúne mais de 300 mil usuários no Facebook.

**Palavras-Chave:** Redes Sociais; Estima Social; Solidariedade On-line; Autismo.

### **Introdução**

O fenômeno da internet transformou o modo como os sujeitos se comunicam na sociedade moderna. Se antes a interação só poderia acontecer face a face, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) trouxeram a possibilidade de conexão mesmo quando os sujeitos estão a milhares de quilômetros de distância, ampliando a produção e a circulação de informações. Como parte das TICs, as redes sociais da internet também ocupam posição de destaque quando falamos em transformações na sociedade moderna. Com a adesão de usuários em todas as partes do mundo, as redes sociais podem contribuir para a visibilidade de temas que não estão presentes em mídias tradicionais como a televisão e o jornal impresso, o que permite que vozes discriminadas possam ser ecoadas de modo independente. Por essa razão, hoje é possível observar diferentes lutas por reconhecimento em redes sociais on-line, nas quais os indivíduos compartilham apelos, denunciam injustiças e produzem manifestações solidárias sobre demandas que lhes afetam.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Comunicação, Alteridade e Diversidade do XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação Social pela UFMG e bolsista da Capes. E-mail: fcogabrielalves@gmail.com.

---

Sob tal realidade, este texto reflete as lutas por reconhecimento vivenciadas em redes sociais da internet, com ênfase na distribuição social de estima e na formação de comunidades de solidariedade on-line. Conforme defende o filósofo Axel Honneth (2009), a solidariedade pode ser entendida como a terceira dimensão do reconhecimento intersubjetivo e envolve a esfera da estima social. É nela que os projetos de realização pessoal dos sujeitos podem alcançar o respeito solidário em uma comunidade que compartilha os mesmos valores. Para refletir de forma empírica, o trabalho colheu proferimentos no grupo Comunidade Pró-Autista, que reúne mais de 300 mil usuários no Facebook. A página tem o objetivo de conectar pessoas, gerar a troca de informações e acolher pais de crianças que fazem parte do espectro autista.

O trabalho está dividido em quatro blocos de reflexões, com a intenção de embasar a argumentação sobre a formação de comunidades de solidariedade on-line e a distribuição de estima em redes sociais. Primeiro, são debatidas as três dimensões do reconhecimento defendidas por Honneth (amor, direito e solidariedade). Em seguida, concentra-se na abordagem acerca da solidariedade e da estima social compartilhadas coletivamente. Já nas duas últimas seções, o texto reflete os possíveis caminhos para a solidariedade on-line, a partir da observação de postagens e interações encontradas no grupo Comunidade Pró-Autista.

### **A matriz conceitual da teoria do reconhecimento**

A teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth (2009) se fundamenta nos estudos da formação da identidade de George Mead, como também nas premissas universais de reconhecimento social de Georg Hegel. Esta teoria nos ajuda a compreender que estamos sempre nos movimentando pelo desejo que o outro nos reconheça. A preocupação de Honneth, ao resgatar Mead, é conectar as condições psíquicas da formação da identidade e a evolução moral da sociedade, buscando reconstruir os preceitos da teoria do reconhecimento. Trata-se do entendimento de que a formação da identidade constitui um processo intersubjetivo de luta para alcançar o reconhecimento mútuo. Por outro lado, Honneth também é influenciado pelo projeto teórico desenvolvido por Hegel, sobretudo, nas questões que envolvem os processos de confrontação social. Para Hegel, a reciprocidade é o alicerce que sustenta a luta por reconhecimento, ou seja, o sujeito só tem a real compreensão de quem é quando leva em consideração o outro. É

---

reconhecendo o outro como livre, respeitando os seus valores, obedecendo a lei e tendo tudo isso em contrapartida que o sujeito se sente digno de reclamar esses mesmos direitos.

Baseado nessas premissas, Honneth (2009) buscou ampliar o debate para demonstrar empiricamente que os sujeitos constituem suas identidades a partir do reconhecimento intersubjetivo e social. De acordo com o autor, o indivíduo só pode ter uma relação positiva consigo mesmo quando reconhecido pelos demais membros da comunidade. No desenvolvimento de sua teoria, o alemão sustenta o argumento de que os conflitos sociais são marcados e têm origem na luta pelo reconhecimento. Esta luta seria o motor das mudanças sociais e, conseqüentemente, da evolução das sociedades. Assim, os indivíduos e grupos só podem ser reconhecidos quando aceitos nas relações com o próximo, na prática institucional e na convivência em comunidade. O autor declara:

São as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades (HONNETH, 2009, p. 156).

Na concepção de Honneth, a luta por reconhecimento se divide em três padrões intersubjetivos: o amor, o direito e a solidariedade. Quando o sujeito se sente desrespeitado em qualquer dessas três dimensões ele passa a lutar por reconhecimento. A experiência do desrespeito representa, na visão do autor, a ausência de reconhecimento e seria, portanto, um impulso para a resistência e para a luta. O desejo de ser reconhecido pelo outro pretende alcançar três formas de autorrealização: a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima.

O amor, como primeiro padrão do reconhecimento, está ambientado nas relações mais próximas do sujeito. Situa-se, por exemplo, na experiência das interações entre pais e filhos, cônjuges, amigos e familiares, ou seja, está relacionado aos afetos no campo emotivo do indivíduo. É neste padrão de reconhecimento que os sujeitos desenvolvem interações baseadas na confiança afetiva com o outro, possibilitando o sentimento da autoconfiança.

Para Garcêz (2008), a autoconfiança proveniente da experiência do amor vai ser a base de todas as formas de autorrespeito que o indivíduo desenvolve ao longo da vida. Segundo a autora, é a partir dessa autoconfiança individual, que o sujeito adquire bases para a participação autônoma na vida pública. Assim, os indivíduos e grupos formam suas

---

identidades e são reconhecidos quando aceitos na relação com o próximo, alcançando uma confiança baseada no afeto recíproco.

Por sua vez, o direito é considerado o segundo padrão de reconhecimento. Envolve as relações jurídicas e a formação das leis, as quais buscam assegurar que os sujeitos sejam tratados de forma igualitária. Na medida em que conhecemos os nossos deveres perante o outro, passamos a compreender os direitos que nos são garantidos e que nos tornam membros de uma coletividade. De acordo com o criador da teoria:

[...] só podemos chegar a uma compreensão de nós mesmos como portadores de direitos quando possuímos, inversamente, um saber sobre quais obrigações temos de observar em face do respectivo outro: apenas da perspectiva normativa de um “outro generalizado”, que já nos ensina a reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direitos, nós podemos nos entender também como pessoas de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões. (HONNETH, 2009, p. 179).

O direito faz surgir a consciência do autorrespeito, já que nas interações sociais o indivíduo se vê como merecedor do respeito do outro. Assim, os sujeitos, considerados parte dessa coletividade jurídica, não apenas adquirem a possibilidade de reclamarem seus direitos como também percebem que estão capacitados para a expressarem as suas vontades. Em outras palavras, podemos acrescentar que o reconhecimento jurídico busca proteger a dignidade humana, a partir do acesso a direitos universais que tornam o sujeito membro de uma comunidade. O sistema jurídico, capaz de ampliar a consciência do autorrespeito, é aquele que vislumbra o interesse da coletividade e exclui privilégios.

Por fim, destaca-se a solidariedade como o terceiro padrão de reconhecimento categorizado por Honneth (2009). Esta dimensão abrange a esfera da estima social distribuída ao sujeito, ou seja, o indivíduo passa a ter suas características pessoais exaltadas por uma comunidade que compartilha os mesmos valores simbólicos. Diferentemente do reconhecimento jurídico, que está baseado na igualdade entre os sujeitos, a solidariedade ou a eticidade busca valorizar as diferenças de cada sujeito, fomentando a estima social.

A solidariedade acontece na convivência em comunidade e resulta da aceitação recíproca das qualidades individuais que são julgadas por determinados valores de um grupo, o que gera o sentimento de autoestima para os sujeitos. Este padrão de

---

reconhecimento pode variar de acordo com o tempo, visto que os valores compartilhados pelos grupos sofrem alterações no decorrer da história.

Na medida em que ocorre a ausência de estima social, o indivíduo se sente rebaixado e impedido de desfrutar de determinado valor simbólico compartilhado socialmente. Assim, o filósofo destaca que “nas sociedades modernas, as relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida” (HONNETH, 2009, p. 207).

É importante ressaltar, ainda, que em cada padrão de reconhecimento, o indivíduo desenvolve uma relação positiva consigo mesmo: a autoconfiança, proveniente das relações amorosas; o autorrespeito, vivenciado nas práticas institucionais; e a autoestima, sustentada pela convivência em comunidade. Por outro lado, a teoria também conecta a autorrealização dos sujeitos com as formas de desrespeito (violação da integridade física, privação de direitos e ofensa aos modos de vida). É, portanto, a violação dessas condições que vai motivar a emergência de lutas amparadas por razões morais.

### **Solidariedade e estima social: uma experiência coletiva**

A luta dos indivíduos e de seus grupos em busca de estima social pode ser experimentada pelas manifestações solidárias compartilhadas coletivamente. Além do reconhecimento de ordem afetiva e jurídica, os sujeitos desejam ter as suas características individuais valorizadas pelo grupo, de modo que essas particularidades possam ser consideradas como importantes para a comunidade. É importante perceber que a distribuição de estima social está situada no plano da solidariedade, ou seja, no terceiro padrão de reconhecimento proposto por Honneth (2009). Na visão do autor, a solidariedade possui um caráter recíproco e simétrico. Assim, podemos conceituar a solidariedade como uma relação interativa em que os sujeitos se interessam, reciprocamente, por seus diferentes modos de vida, compartilhando manifestações de estima simétrica.

Na prática, o conceito de solidariedade se verifica, sobretudo, nas interações marcadas pela experiência comum em situações negativas. Um exemplo claro seriam os casos de discriminação enfrentados por pessoas do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que são estigmatizadas como incapazes de participar da vida social. É este

---

sentimento de desrespeito compartilhado por pais, familiares e amigos que produzem manifestações baseadas na solidariedade e no reconhecimento recíproco.

Sob esse aspecto, denominamos como manifestações solidárias as interações sociais capazes de expressar a estima que os membros do grupo mantêm entre si de forma recíproca. A solidariedade, portanto, não admite apenas a conotação negativa de determinadas características diferentes dos sujeitos, mas ela também carrega o sentimento positivo de considerar essas diferenças individuais como importantes para a existência do grupo. As relações baseadas na solidariedade despertam o sentimento de tolerância diante das características individuais do outro, as quais tendem a ser importantes e valorizadas mutuamente (ALBORNOZ, 2011).

Quando se refere à estima simétrica na definição de solidariedade, Honneth quer destacar as situações nas quais vemos uns aos outros de maneira valorativa, o que nos permite perceber as características do outro como significativas para a vida em comunidade. Nas palavras do autor, "'simétrico' significa que todo sujeito recebe a chance, sem graduações coletivas, de experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades, como valioso para a sociedade" (HONNETH, 2009, p. 211). Nesse sentido, o filósofo acredita que a estima mútua e simétrica seria condição fundamental ao pleno desenvolvimento da autoestima, fazendo com que os indivíduos se sintam valiosos para si mesmos e para a sociedade.

A construção dessa autoestima está baseada nos valores culturais compartilhados pela comunidade. Dessa forma, a concepção cultural de uma sociedade determina os critérios que orientam a distribuição de estima social, pois as capacidades e realizações dos sujeitos são julgadas a partir dos valores culturais vigentes. (ALBORNOZ, 2011). Isso significa que a distribuição da estima social depende de valores simbólicos impostos pela sociedade, os quais, muitas vezes, produzem estereótipos e discriminam populações marginalizadas.

A evolução da sociedade contribuiu para individualizar as características dos sujeitos. O valor do grupo perde espaço para o fortalecimento de uma estima social baseada nas singularidades do sujeito, ou seja, quanto mais moderna for a sociedade, maior será o valor dado às individualidades. Entretanto, Honneth (2009) atesta que o sujeito se sente pouco reconhecido quanto atua de maneira isolada, já que a identidade do grupo é o fator que se destaca socialmente. Por isso, o sujeito adquire o sentimento de orgulho diante da comunidade a qual pertence, ou seja, ele se sente membro de uma

---

coletividade capaz de reconhecer as suas capacidades individuais como importantes para o funcionamento da vida social.

É nesse aspecto que enxergamos o papel mobilizador dos movimentos sociais na sociedade moderna. Considerando que a distribuição da estima social se realiza no universo coletivo, os grupos e movimentos sociais atuam para chamar a atenção da esfera pública, de modo a valorizar as características individuais de seus membros. Além de lutar pela melhor distribuição socioeconômica, os movimentos sociais atuam no sentido de afirmar o valor simbólico das particularidades que formam o grupo, buscando incorporar na sociedade a tolerância e o respeito ao coletivo. São lutas que abrem o leque sobre o debate da distribuição de estima social para os indivíduos marginalizados, as quais passaram a ter maior notoriedade com a disseminação das redes sociais on-line.

### **Caminhos para a solidariedade on-line**

As redes sociais da internet são plataformas de comunicação colaborativas, nas quais os usuários podem criar perfis individuais para o compartilhamento de mensagens, fotografias, vídeos, notícias e proferimentos pessoais. Nesses espaços virtuais, é possível estabelecer novas relações entre as pessoas, que interagem em causa própria, em defesa de terceiros ou representando uma instituição. As plataformas possibilitam que os indivíduos dialoguem entre si, gerando transformações que são experimentadas em diferentes aspectos da vida social, como no próprio instinto de reconhecimento social e intersubjetivo ou no sentimento de satisfação, demonstrado, por exemplo, ao receber likes<sup>3</sup> em uma foto recém-postada nesses espaços virtuais.

Plataformas como o Facebook, Twitter, e Instagram<sup>4</sup>, passaram a influenciar a dinâmica das interações sociais, atuando para a visibilidade de temas que envolvem dimensões políticas, econômicas e culturais. Muitos indivíduos se apropriam desses espaços para veicular propostas, confrontar ideias, buscar informação, compartilhar suas conquistas pessoais ou lutar pela visibilidade de temas que não despertam a atenção da

---

<sup>3</sup> Expressão original da língua inglesa que identifica o ato de curtir determinada postagem visualizada no Facebook. Ao clicar no botão de “Like” (“Curtir”), o usuário atesta sua aprovação ou simpatia pelo conteúdo divulgado.

<sup>4</sup> Facebook, Twitter e Instagram estão entre as dez redes sociais da internet mais populares. Conforme estudo do Statista (portal alemão de estatística), em 2019 o Brasil contava com 271 milhões de usuários do Facebook, incluindo perfis pessoais, institucionais e corporativos, número que coloca a plataforma como a rede social preferida do brasileiro (STATISTA, 2019).

mídia tradicional. Até mesmo o Papa Francisco, líder da Igreja Católica, já reconheceu a força das redes sociais da internet. Em junho de 2018, o líder religioso afirmou que a internet seria uma dádiva de Deus, graças às possibilidades de encontro e de solidariedade<sup>5</sup>. Na ocasião, o pontífice solicitou que os fiéis utilizem as redes sociais para fomentar a caridade e o respeito às diferenças, destacando o papel das plataformas na ampliação dos horizontes.

Muito além do entretenimento, as redes sociais se tornaram janelas abertas à prática da solidariedade. Com a chegada desses dispositivos virtuais, os sujeitos descobriram uma forma mais democrática de pedir ajuda para tratamentos, clamar por justiça, compartilhar a dor ou colocar em prática manifestações solidárias. Segundo Biondi (2014, p. 3):

O sujeito comum encontrou, nas redes sociais, um espaço propício para declarar a verdade de suas dores bem como para agregar, em torno de si, um conjunto de seguidores e fazer de sua luta, muitas vezes, uma causa legítima a se engajar, aderir, compartilhar, enfim, se solidarizar de algum modo.

A autora argumenta que vivenciamos hoje um deslocamento na classificação dos acontecimentos que induzem a sentimentos de solidariedade. De acordo com ela, os sujeitos não estão mais interessados apenas pela dimensão sensacionalista dos fatos anunciados como catástrofes. Os indivíduos querem mais do que somente ter conhecimento sobre algo, eles desejam se solidarizar de algum modo com a causa do outro e ativar processos de mobilização. Os apelos solidários se manifestam nas redes sociais e concorrem diretamente com os veículos tradicionais de comunicação, como jornais impressos, televisões e rádios. Assim, o relato individual ou coletivo que narra o sentimento de desrespeito traz visibilidade e sensibiliza o sujeito pelo drama do outro.

A partir da experiência do sofrimento, temos observado o crescimento de campanhas solidárias disseminadas pelas redes sociais da internet, com o objetivo de financiar o tratamento de pessoas doentes, socorrer desabrigados ou reformar espaços culturais. De acordo com a pesquisa “Um Retrato da Doação no Brasil”, realizada pela *Charities Aid Foundation* e representada no Brasil pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), 70% da população brasileira fez alguma doação em

---

<sup>5</sup> Mensagem publicada no “Vídeo do Papa” em junho de 2018, sob a produção da Rede Mundial de Oração do Papa. Disponível em: <<https://opusdei.org/pt-pt/article/intencao-papa-francisco-junho-2018-redes-sociais>>. Acesso em: 08.07.22.



---

dinheiro no período de agosto de 2017 a julho de 2018, sendo que 52% foram destinados a organizações religiosas. Os entrevistados afirmaram que costumam doar porque se sentem bem e que as organizações sociais são importantes para o desenvolvimento do País<sup>6</sup>.

Mas a solidariedade on-line vai além das mobilizações em torno de catástrofes ou infortúnios. Ela está presente na mensagem de incentivo, na valorização das características do outro e na luta pela distribuição de estima social. Segundo Biondi e Marques (2015), com o advento da internet prevalecem agora novos apelos à sensibilidade humana, os quais se direcionam a cada indivíduo conectado. Assim, as manifestações que evocam sentimentos de solidariedade ultrapassam o arcabouço de protestos e denúncia, conquistando novos espaços de visibilidade social.

Ao facilitar o encontro, mesmo que apenas virtual, entre pessoas com interesses e dificuldades em comum, as redes sociais da internet facilitam a criação de laços e corroboram para a predominância da estima social simétrica entre os sujeitos. Quando o sujeito se identifica na experiência do outro, ele se reconhece como parte de uma coletividade e, portanto, passa a produzir manifestações solidárias para elevar a estima social de seu companheiro de grupo. Se a estima social do outro for elevada, da mesma forma a dele também será, pois ambos fazem parte de comunidade comum.

Sendo assim, nos interessa entender como as manifestações solidárias representadas em redes sociais da internet podem contribuir para fortalecer lutas por reconhecimento que se sustentam pelo desejo de estima social, tendo enquanto ancoragem a teoria do reconhecimento delineada por Axel Honneth. Empiricamente, observamos as narrativas de manifestações solidárias registradas na Comunidade Pró-Autismo, um grupo criado no Facebook em maio de 2019, com a participação de mais de 300 mil usuários, entre pais, familiares e amigos de pessoas que convivem com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

### **Manifestações solidárias e estima social no universo autista**

Antes de adentrar nos resultados de nossa observação, é necessário esclarecer os aspectos fundamentais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as razões que levam

---

<sup>6</sup> Estudo disponível em: <<https://www.idis.org.br/wp-content/uploads/2019/02/CAF-Brazil-Report-2018-Final.pdf>>. Acesso em: 10.07.22.

---

esta comunidade a lutar por reconhecimento. Também chamado de autismo, o TEA é uma condição atípica do neurodesenvolvimento, que pode provocar déficits persistentes na comunicação e na interação social dos indivíduos, além da existência de padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamentos (GAYATO, 2018). Desde 2012, o autista brasileiro é considerado uma pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, incluindo, por exemplo, o direito à educação escolar regular e a prioridade de atendimento em instituições públicas ou privadas. Atualmente, estima-se que 70 milhões de pessoas façam parte do espectro autista – cerca de 1% da população mundial (GRANDIN, 2019; GAYATO, 2018). No Brasil, esse cenário aponta, em números absolutos, para aproximadamente 2 milhões de pessoas dentro do espectro<sup>7</sup>.

Por conta da existência de características comportamentais e comunicativas que fogem dos padrões normativos da sociedade, os autistas costumam viver como indivíduos marginalizados e tradicionalmente associados à incapacidade (MACHADO; ANSARA, 2014; PARSLOE, 2015). Segundo Ries (2018), o estigma<sup>8</sup> relacionado ao tema permeia o cotidiano dos autistas e de seus familiares com atributos culturalmente definidos em termos depreciativos ou estereotipados. A criação de tais símbolos afasta as pessoas autistas das categorias estabelecidas socialmente como comuns ou naturais, colocando-os em um patamar de isolamento social.

Recentemente, o assunto tem ganhado a atenção da mídia tradicional e das pesquisas acadêmicas, a partir da crescente publicação de artigos científicos, produção de séries de televisão, revistas especializadas e criação de novas leis. Com a popularização das tecnologias da informação e comunicação, especialmente a internet, o tema adquiriu ainda mais espaço no debate público, colaborando para o crescimento do movimento de lutas a favor dos direitos das pessoas autistas.

Assim como em todo o mundo, no Brasil não se pensava na participação dos autistas em arenas públicas até meados dos anos 2000. A construção de políticas públicas sobre o tema estava exclusivamente nas mãos de familiares, profissionais de saúde ou de parlamentares atentos às demandas de pessoas com deficiência. Este cenário só começou

---

<sup>7</sup> Não há dados oficiais sobre a quantidade de autistas no Brasil, mas pela primeira vez o tema será incluído no próximo Censo brasileiro, conforme prevê a Lei Federal 13.861/2019.

<sup>8</sup> Para Goffman (1988, p. 5), o estigma seria “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. De acordo com o autor, é a sociedade que estabelece os meios de categorizar as pessoas e que define quais são as características aceitas conforme as expectativas normativas. Os sujeitos estigmatizados são frequentemente classificados como incompetentes, levam a culpa por seus sofrimentos e vivem sob a marginalização social.

---

a mudar a partir de 2010, com a popularização das mídias digitais de comunicação. O ativismo protagonizado pelos próprios autistas passou a ser traduzido pela atuação plural em associações, páginas da internet, livros autobiográficos e eventos nacionais que procuram colocar questões na agenda pública (SILVA 2021).

Agora que já traçamos os principais aspectos do autismo e os estigmas que giram em torno desse transtorno, é possível apresentar alguns resultados das manifestações solidárias observadas na rede social Facebook, a partir dos relatos do grupo Comunidade Pró-Autismo. Trata-se de um espaço virtual coletivo criado em maio de 2019 pelo apresentador de televisão Marcos Mion – pai de um garoto autista, com o objetivo de promover a troca de informações e o acolhimento de pessoas que convivem no universo do espectro autista.

A comunidade é categorizada como um grupo público do Facebook, ou seja, qualquer pessoa pode encontrá-lo nos campos de busca, ver quem participa dele e ler as mensagens que são publicadas. Entretanto, para entrar como membro do grupo o usuário precisa antes ter a sua solicitação aprovada pelos administradores da página. Os grupos públicos fornecem um espaço para as pessoas conversarem sobre interesses em comum. É possível criar coletivos sobre qualquer tipo de assunto, como reuniões de família, colegas de trabalho, praticantes de determinadas religiões, moradores de um condomínio ou bairro, por exemplo. Dessa forma, os grupos do Facebook reúnem sujeitos que se identificam com o conteúdo abordado e se sentem parte de uma mesma comunidade.

Com base na observação<sup>9</sup> do trabalho, é possível constatar que a Comunidade Pró-Autismo apresenta um alto índice de postagens diárias, incluindo relatos, fotografias, vídeos, curtidas, compartilhamentos e comentários. A maior parte das postagens busca narrar conquistas diárias de autistas, reivindicar direitos e compartilhar experiências pessoais de familiares que convivem no universo autista. Aqui identificamos a conexão com a distribuição de estima social, ancorada na teoria do reconhecimento de Axel Honneth (2009), visto que as postagens e interações observadas no grupo buscam empoderar pessoas autistas e manifestar mensagens de solidariedade, reconhecendo o lugar do autista no tecido social.

---

<sup>9</sup> A coleta de dados ocorreu no período de 26 de junho a 02 de julho de 2022, a partir do rastreamento das palavras-chave “autismo”, “autista”, “luta”, “reconhecimento”, “solidariedade” e “orgulho”. O corpus foi formado por 88 postagens relacionados ao tema.

O vídeo publicado no grupo pelo pai C. S., em 24 de junho de 2022, alcançou mais de cinco mil curtidas, 411 comentários e 67 compartilhamentos. No vídeo, o filho autista de C.S. aparece fazendo carinho no pai enquanto os dois estão deitados ao sofá vendo televisão. O pai declara na legenda da postagem: “Meu anjo azul assistindo chaves, e me fazendo carinho isso não tem preço” (informação verbal). Entre os comentários, observamos a postagem de símbolos de corações em alusão ao sentimento de amor e de interações que valorizavam a relação afetuosa entre pai e filho, como este comentário “que lindooo, o meu também adora pegar e desarrumar meu cabelo, é tão gostoso me derreto toda” (informação verbal). Percebemos, portanto, que ao postar o vídeo, o pai pretendia compartilhar o sentimento de orgulho pelo filho, ao mesmo tempo em que desejava elevar a estima social de sua cria diante do grupo. Não há apenas o reconhecimento de que o filho autista merece estima, como há também o reconhecimento da legitimidade do pai expressar a sua autoestima em relação ao filho.

Outra postagem que nos chamou a atenção foi publicada no grupo pela mãe K. F., em 29 de junho de 2022, recebendo 70 curtidas, 11 comentários e 1 compartilhamento. Na postagem, ela apresenta um vídeo do filho autista de dois anos e destaca as conquistas da criança:

Este é o P. de Macapá. Adora cantar, dançar, numeros - fala todos, conta ate 30 em ingles e portugues, sabe todo alfabeto em ingles e portugues, escreve alfabeto, escreve todos os numeros e sabe escrever seu nome. Ja sabe ler algumas palavras. Ja esta desfraldando, nao faz mais coco na fralda tem 1 semana e vai p banheiro sozinho p fazer... isso é uma prova p vcs que receberam diagnostico a pouco tempo que o estimulo é muito importante para que ele consiga se desenvolver e virar um adulto independente. Sejam otimistas e nao desistam nunca... vai dar tudo certo! (informação verbal).

O depoimento desta mãe revela o sentimento de orgulho para com o seu filho autista, além de evidenciar as capacidades individuais que a criança tem adquirido. Se evocarmos a teoria de Axel Honneth (2009), podemos perceber que a mãe, ao relatar a experiência de seu filho, busca desconstruir o estigma de incapacidade ligado ao autismo para destacar características positivas da criança. Ao dar visibilidade a seu relato e chamar a atenção do grupo, a mãe pretende contribuir para elevar a estima social dos autistas, estimulando que outros relatos positivos possam ser disseminados em rede.

O relato da mãe C. C., em 01 de julho de 2022, alcançou mais de 1.300 curtidas, 208 comentários e 63 compartilhamentos. Na postagem, a mãe expõe a foto de seu filho

autista e destaca o sofrimento que o transtorno pode causar. Para ela, ter um filho autista “dói muito”, sobretudo, pelo preconceito enfrentado diariamente, bem como pelo olhar de pena das pessoas quando interagem com autistas, pela falta de vagas nas escolas ou pela ausência de tratamentos de saúde adequados na rede pública. Nos comentários da postagem, percebemos manifestações solidárias que se identificam com o relato narrado e que reafirmam o desejo de lutar para o empoderamento da estima social dos autistas. Vejamos alguns comentários:

Comentário 1: “Texto lindo... Em pequenas palavras resumiu tudo o que sentimos todos os dias. Força amiga, estamos juntas nesta luta diária”. (informação verbal 1.).

Comentário 2: Dói sim, porque a sociedade é injusta, mas o que se tem melhor nessa LUTA é ser capaz de buscar JUSTIÇA onde é quase impossível. (informação verbal 2.).

Comentário 3: “É isso aí mamãe, fora tudo que ele precise pro seu dia a dia, o mais importante é seu AMOR! [...] Quanto aos outros e seus olhares não se importe com isso são pessoas desinformados. Busque sempre seus direitos, não deixe ninguém te abalar [...] Não desanime, dias ruins, dias bons e assim vamos nessa luta!” (informação verbal 3.).

Por ora, percebemos que as manifestações solidárias observadas no grupo Comunidade Pró-Autismo tendem a demonstrar um sistema abstrato de referencial valorativo, segundo o qual o indivíduo com autismo merece ser estimado socialmente. Os comentários e interações parecem revelar a presença de expressões afetuosas que reforçam a aprovação e a valorização das capacidades do outro. Além disso, entendemos que as manifestações solidárias são evocadas por pessoas que possuem certa proximidade com o tema e que se reconhecem no conteúdo compartilhado.

### **Considerações Finais**

Com este trabalho, apresentamos uma breve reflexão sobre a contribuição das redes sociais da internet para a produção de manifestações solidárias, baseadas no desejo de elevar a estima social de pessoas autistas. Entendemos que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com foco nas redes sociais da internet, se apresentam como espaços de luta para a desconstrução de estereótipos. Ao dar voz e visibilidade para temas que não estão presentes na mídia tradicional, as redes sociais atraem a adesão de

milhares de seguidores que se identificam e se reconhecem com o conteúdo compartilhado.

A partir do conhecimento de experiências comuns relatadas nas redes sociais da internet, os sujeitos se sentem parte de um mesmo grupo e passam a produzir manifestações solidárias, com o objetivo de combater estigmas, desconstruir padrões normativos e elevar a estima social de sua comunidade, travando uma verdadeira luta por reconhecimento. Não pretendemos e nem teríamos condições de esgotar este debate. Compreender a construção de uma rede de solidariedade on-line, motivada pelo desejo de estima social, requer caminhos metodológicos que apenas uma pesquisa ampliada pode oferecer. Sendo assim, vislumbramos a necessidade de aprofundar o tema de maneira empírica para atestar os indícios de afetividade, solidariedade e reconhecimento experimentados em redes sociais da internet.

## Referências

ALBORNOZ, Suzana Guerra. As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 14, n. 01, p. 127-143, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172011000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172011000100010)>. Acesso em: 20.05.22.

BIONDI, Angie. Solidariedade em redes: limites de uma prática, possibilidades de uma ação. **Revista Mídia e Cotidiano**, vol. 5, n. 5, 2014. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/download/127/109>>. Acesso em 09.06.22.

BIONDI, Angie. MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Postagens de uma dor comum: enunciação e visibilidade de vítimas em redes sociais. **V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura**. São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/angie\\_biondi\\_e\\_ngela\\_cristina\\_salgueiro\\_marques.pdf](https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/angie_biondi_e_ngela_cristina_salgueiro_marques.pdf)>. Acesso em: 15.06.22.

COMUNIDADE PRÓ AUTISMO. **Perfil de rede social no Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/441496036613853/>>. Acesso em: 20.06.22.

GAYATO, Mayra. **S.O.S Autismo**: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: nVersos, 2018.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **O valor político dos testemunhos**: os surdos e a luta por reconhecimento na internet. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

---

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. (Trad. Luiz Repa). 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MACHADO, Márcia; ANSARA, Soraia. De figurantes a atores: o coletivo na luta das famílias dos autistas. **Revista Psicologia Política**, v. 14, n° 31, p. 517-533. Set-Dez, 2014.

PARSLOE, Sarah. Discourses of disability, narratives of community: reclaiming an autistic identity online. **Journal of Applied Communication Research**, v. 43. n. 3, p. 336–356, 2015.

RIES, Igor Lucas. **As interações comunicacionais em comunidades online sobre autismo: conexões em busca por reconhecimento**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Francisco Gabriel Alves da. **Ser diferente é normal: a expressividade do *self* de pessoas autistas em mídias digitais da internet e suas lutas por reconhecimento**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2021.

STATISTA. **Number of facebook users in Latin America from 2014 to 2019 (in millions)**. 2018b. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/282350/number-of-facebook-users-in-latin-america>>. Acesso em: 01.06.22.